

PERSONAGENS ICÔNICOS DE SIDERÓPOLIS



Siderópolis tem vários personagens icônicos que marcam gerações e são sempre lembrados nas rodas de conversas. Quando tenho a oportunidade de encontrar com os amigos da infância e juventude sempre lembramos algumas dessas figuras, com histórias divertidas.

Quem vivenciou as décadas de 1980, 1990 e começo dos anos 2000 em Siderópolis certamente conheceu ou teve algum contato com muitas dessas personalidades, que talvez, sem que percebêssemos, fizeram parte de nossa infância e juventude, e continuam muito presentes em nossas memórias afetivas.

Em minha juventude, o ponto de encontro dos amigos era a praça da matriz, com sua monotonia costumeira e quase nada aberto nas noites dos finais de semana.

Basicamente, as almas vivas estavam no "X Maré Mansa", ou de passagem pela barraquinha de cachorro-quente do saudoso Maneca, que muitas vezes, era nossa companhia, nos sábados à noite. Apesar da monotonia, a praça sempre foi um espaço democrático, e nas reuniões entre amigos, sentados nos bancos de concreto, de vez em quando aparecia alguma figura que ajudava a descontrair o ambiente.

Quem lembra do Juarez (em memória)? Vivia pelos cantos da cidade, levando sua vida, às vezes de bom humor, às vezes nem tanto. Certa vez, alguns amigos estavam na cobertura de um prédio, no centro da cidade. Ao avistar o Juarez passar pela calçada, alguém gritou lá de cima:

– Ei, Juarez, sobe aqui!

Juarez pareceu assustado, parando repentinamente, com os olhos arregalados, e ainda imóvel, respondeu:

– Quem me chama? És tu, Deus? Não me leve agora, preciso tomar mais uma!

Ele sempre se aproximava! E quando estávamos com o violão, o pedido não poderia ser outro: "Toca um Raul Seixas!". Ele adorava cantar "Cowboy Fora da Lei", quase sempre com a voz enrolada e atropelando a letra.

Se tinha música, nosso querido Iki se fazia e ainda se faz presente. Suas mãos batendo ao peito no ritmo da música, e em seu outro braço, sua icônica trouxa, embalada em um saco de lixo, e que já é sua marca registrada. Muitos se perguntam: O que tem ali dentro? Quanto ao seu conteúdo material, não sei responder! Mas simbolicamente, para mim, ela carrega muitas e muitas histórias e lembranças deste personagem tão querido que faz parte do cotidiano da cidade, e vem marcando gerações. Que possamos reconhecer com respeito e carinho que ele merece.

Quantas outras memórias poderíamos escrever sobre o Morte, o Bira, o Taiada, e tantas outras figuras cercadas de mistérios que marcaram e seguem marcando época. Como esquecer o Catatumba? |Circulava por aí, e quando queria descansar, procurava o local mais calmo da cidade: o cemitério! Escolhia um túmulo aberto ou em construção, esticava um papelão e ali tirava uma soneca. Assustou muitos desavisados que passavam pelo cemitério, visitando seus entes e amigos já

falecidos. Com o tempo, sua presença no local passou a ser rotineira, pegando poucas pessoas desprevenidas.

Outra figuras lendárias é o Tibúrcio (em memória), quem conheceu deve lembrar deste simpático senhor, que estava sempre com um radinho de pilha na orelha e vivia nas paradas de ônibus, ou caminhando pelas estradas pedindo carona. Para onde ele ia? Dizem que para qualquer lugar que o levassem.

Um certo dia Tibúrcio já estava a um bom tempo apontando seu polegar, fazendo o típico sinal de quem pede carona, e nada de uma alma solidaria parar, avistou um caminhoneiro parado as margens da estrada e não hesitou, se dirigiu até o caminhão, agarrou a maçaneta e subiu o degrau na lateral do caminhão acessando o vidro da porta do motorista, que levou um susto:

– Bom dia, o senhor vai para Criciúma? Indagou Tiburcio com seu sorriso simpático no rosto.

O homem que por algum motivo já estava nervoso, ficou ainda mais irritado com o susto que levou, e já conhecendo o Tiburcio, deduziu o que ele queria e tratou de despista-lo:

– Não... Vou para o inferno! Respondeu ele com a cara amarrada.

Tibúrcio não deixou barato, com a cara serena e seu habitual sorriso inocente, porém desta vez, cheio de “malandragem” indagou:

– Se passar por Criciúma poderia me dar uma carona?

Se o Tiburcio adorava uma carona tinha quem não gostasse, era o caso do famoso Devardão, mais uma dessas figuras icônicas de Siderópolis, descrevo ele como magro, alto, com alguns fios de cabelo cuidadosamente penteados para disfarçar a careca que insistia em denunciar o passar dos anos, era um homem enigmático, de pouca conversa, parecia sempre pensativo e com um andar bem peculiar, Devardão tinha os passos largos parecia sempre atrasado, seu caminhar era reconhecido de longe, com seu movimento de jogar o tronco para cima e para baixo, de acordo com as. Diziam que Devardão era um homem culto, lia muito e escrevia

bem, poemas e crônica entre outros, tinha sido secretário do Escritório da CSN tendo desenvolvido uma impressionante habilidade de datilografar em máquinas de escrever, onde era ainda mais rápido que suas passadas, dizem que ele era capaz de datilografar com os olhos fechados ou com a máquina de escrever nas costas.

Um certo dia, Devardão vinha do Fiorita em direção ao centro de Siderópolis, carregando sua maleta de mão e a passos ainda mais largos do que de costume, um conhecido que ia em seu sentido conduzindo seu fusca, parou ao alcançá-lo:

– Bom dia Devardão, quer uma carona? Disse o senhor com a melhor das intenções.

Devardão pareceu surpreso ao submergir dos pensamentos que lhe acompanhavam, levantou abruptamente seu o olhar da estrada onde se concentrava e ao constatar o carro em que o motorista lhe oferecia carona, foi objetivo:

– Não...estou com presa!

Outra passagem bastante hilária é de um personagem a quem vou chamar de Tcheco, um senhor de altura mediana, caminhar e fala calma, muito calma, e uma voz bastante característica, uma pena que é difícil de descrever, por que isso deixaria a narrativa muito mais atraente. Comenta-se que Tcheco trabalhava no seu ritmo, devagar e com toda a paciência, do tipo que torce um parafuso lentamente. Tcheco trabalhava na mina, sua paciência e calma diante das adversidades já haviam irritado o encarregado que vivia pilhado em resolver tantos problemas, para piorar Tcheco já havia sido flagrada dormindo pelos cantos, algumas vezes. Determinado, o encarregado já tinha sido bem claro com Tcheco, da próxima vez que ele fosse pego dormindo seria mandado embora.

Em uma madrugada o encarregado havia se afastado da frente de serviço, Tcheco se sentou na banca para tomar seu café e mais uma vez foi vencido pelo sono, tendo apoiado o rosto na mão como alguém que está refletindo e tendo cochilando. Ao chegar, o encarregado se conduziu a ele na ponta dos pés e lhe deu dois tapinhas nas costas, como que pensando, “te peguei”. Tcheco despertou imediatamente de seu sono leve e ainda sem levantar a cabeça olhando para baixo percebeu pelas botas que era o encarregado, e desta vez pensou rápido, levantou uma de suas mãos para

trás, em um movimento típico de quem pede um tempo, em seguida levantou a cabeça, fez o sinal da cruz e advertiu o encarregado:

– Desculpe, não gosto que me atrapalhem quando estou orando!

Assim o encarregado descobriu outra virtude de Tcheco, aquele era um homem de fé!

Narrador e ilustrador: Macsuel De Bona, historiador, pós-graduado em Patrimônio Cultural